



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
FILOSOFIA – LICENCIATURA**

**O ENSINO DE FILOSOFIA NA INFÂNCIA:  
RELEVÂNCIA, PROBLEMAS E DESAFIOS**

**KELLY KAROLINE STEINHORST**

Foz do Iguaçu  
2021



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
FILOSOFIA – LICENCIATURA**

**O ENSINO DE FILOSOFIA NA INFÂNCIA:  
RELEVÂNCIA, PROBLEMAS E DESAFIOS.**

**KELLY KAROLINE STEINHORST**

Trabalho de Conclusão de Curso, formato artigo científico, realizado sob orientação do professor Dr. Miguel Ahumada Cristi, como requisito parcial à obtenção do diploma de Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

KELLY KAROLINE STEINHORST

**O ENSINO DE FILOSOFIA NA INFÂNCIA:  
RELEVÂNCIA, PROBLEMAS E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, formato artigo científico, realizado sob orientação do professor Dr. Miguel Ahumada Cristi, como requisito parcial à obtenção do diploma de Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Miguel Ahumada Cristi  
UNILA

---

Prof. Dr. Johnny Octavio Obando Moran  
UNILA

---

Prof. Dr. Eder Cristiano de Souza  
UNILA

Foz do Iguaçu, 05 de outubro de 2021.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Kelly Karoline Steinhorst

Curso: Filosofia – Licenciatura.

		Tipo de Documento
( X ) graduação	( X ) artigo	
(.....) especialização	(....) trabalho de conclusão de curso	
(.....) mestrado	(.....) monografia	
(.....) doutorado	(.....) dissertação	
	(.....) tese	
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais	
	(.....) _____	

Título do trabalho acadêmico: Ensino de filosofia na infância: Relevância, problemas e desafios

Nome do orientador(a): Miguel Ahumada Cristi

Data da Defesa: 05/11/2021

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 01 de Novembro de 2021.



Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho, com muito amor e gratidão, à minha mãe Erci, que não mediu esforços para lutar por minha educação. Essa vitória é nossa!

## AGRADECIMENTOS

Eu encerro este ciclo com muita gratidão.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me dado saúde e força para suprir todas as dificuldades.

Agradeço aos meus pais e meu irmão, que sempre me incentivaram nessa jornada, além das dificuldades, nos unindo cada vez mais. Agradecer meu avô Abilio Welter (em memória) que sempre incentivou a estudar e não desistir dos meus sonhos.

Agradeço também ao meu orientador Miguel Ahumada Cristi, pela orientação, suporte, apoio, confiança e principalmente por não ter desistido de mim. Aos professores da banca Johnny Octavio Obando Moran e Eder Cristiano de Souza, que incentivaram a continuar nos meus projetos.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Agradeço meus amigos, principalmente a Maria Lucivane e a minha prima Sheila, que me apoiaram durante minha formação me incentivando e não deixando desanimar.

Ao Ernani Feix, agradeço por estar ao meu lado, com todo afeto e compreensão que foram essenciais para a realização de mais esse sonho.

## RESUMO

O objetivo do presente artigo é compreender e demonstrar a importância do ensino de filosofia para as crianças nos sistemas escolares, seus sentidos, significados e as contribuições para o sua formação integral, isto é, o desenvolvimento da cognição, da afetividade, da ética e da corporalidade. A metodologia escolhida para sua construção do texto foi pautada em uma revisão bibliográfica, nos cânones da análise qualitativa de documentos científicos. Com o objeto de esclarecer as contribuições da filosofia no ensino de crianças, o estilo de redação adotado é descritivo, reflexivo e crítico. Dentre os resultados obtidos, enfatiza-se que em seus primeiros anos de vida, as crianças são extremamente curiosas e, como a Filosofia precisa de espanto para que possa dar origem ao conhecimento, será através de conversas, compartilhamento de opiniões e ideias, sobre todas as coisas visíveis e invisíveis, mensuráveis e especulativas que fazem parte do cotidiano infantil que, gradativamente, o professor terá a oportunidade de discutir os inúmeros temas e conceitos filosóficos. Conclui-se que o ensino de Filosofia nos anos iniciais do ensino fundamental é indispensável para que a Educação possa efetivamente alcançar o seu objetivo de formar cidadãos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade, ao mesmo tempo em que amplia sua qualidade. Portanto, seus conceitos deveriam ser abordados em todas as séries da educação básica e, não se ver diante da possibilidade de ser excluída da matriz curricular como propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ensinar Filosofia para crianças implica em ir além da simples especulação, exige orientar o seu pensamento, de forma ética, crítica e reflexiva permitindo-lhes perceber o mundo à sua volta, os valores defendidos, o papel que exercem em sociedade, etc. Dentre os autores pesquisados, Lipman traz contribuições imensas ao mostrar que a Filosofia para crianças é uma necessidade, devido ao seu potencial de formar pessoas mais críticas que, por sua vez, podem melhorar a sociedade em que vivem. As crianças precisam aprender a filosofar, a pensar e expressar suas opiniões precocemente, sendo provocadas para que assumam uma postura ativa ao longo de sua escolarização. Para isso, é imprescindível que tenham a oportunidade de participar de aulas na quais o diálogo investigativo ou filosófico, seja uma prática comum que lhes auxilie a “pensar melhor”.

**Palavras-chave:** Filosofia; Ensino de filosofia; Filosofia para crianças; BNCC.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo/TCC es comprender y demostrar la importancia de enseñar filosofía a los niños en los sistemas escolares, sus sentidos y significados y las aportaciones para su formación integral, es decir, el desarrollo de la cognición, de la afectividad, de la ética y de la corporalidad. La metodología elegida para la construcción del texto se basó en una revisión bibliográfica, en los cánones de análisis cualitativo de documentos científicos. Para aclarar las contribuciones de la filosofía en la enseñanza de los niños, el estilo de escritura adoptado es descriptivo, reflexivo y crítico. Entre los resultados obtenidos se destaca que en sus primeros años de vida los niños son sumamente curiosos y, como la Filosofía necesita del asombro para que pueda dar lugar al conocimiento, será a través de conversaciones, intercambio de opiniones e ideas, sobre todos los aspectos. Cosas visibles e invisibles, medibles y especulativas que forman parte de la vida cotidiana de los niños y que, gradualmente, el docente tendrá la oportunidad de discutir los numerosos temas y conceptos filosóficos. Se concluye que la enseñanza de la Filosofía en los primeros años de la escuela primaria es fundamental para que la Educación alcance efectivamente su objetivo de formar ciudadanos críticos, reflexivos y conscientes de su rol en la sociedad, al tiempo que aumenta su calidad. Por lo tanto, sus conceptos deben ser abordados en todos los grados de la educación básica y no enfrentar la posibilidad de ser excluidos del plan de estudios propuesto por el Currículo Base Común Nacional (BNCC). Enseñar Filosofía a los niños implica ir más allá de la simple especulación, requiere orientar su pensamiento, de manera ética, crítica y reflexiva, que les permita percibir el mundo que los rodea, los valores defendidos, el papel que juegan en la sociedad, etc. Entre los autores consultados, Lipman se torna un referente obligado debido a que demuestra que la Filosofía para niños es una necesidad debido a su potencial para formar personas más reflexivas que, a su vez, pueden mejorar la sociedad en la que viven. Los niños necesitan aprender a filosofar, pensar y expresar sus opiniones desde una edad temprana, animándolos a asumir una postura activa a lo largo de su escolarización. Para ello, es fundamental que tengan la oportunidad de participar en clases en las que el diálogo investigativo o filosófico sea una práctica común que les ayude a “pensar mejor”.

**Palabras clave:** Filosofía. Enseñanza de la filosofía. Filosofía para niños. BNCC.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>11</b>
2.1 A NATUREZA DA ATIVIDADE FILOSÓFICA.....	11
2.2 O ENSINO DE FILOSOFIA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS ATUAIS. ....	14
2.3 ENSINO DE FILOSOFIA E A BNCC .....	16
2.4 POR QUE ENSINAR FILOSOFIA PARA CRIANÇAS?.....	18
2.5 MATTHEW LIPMAN E O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS .....	20
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Se entendemos a Filosofia como um caminho que permite encontrar respostas aos fenômenos do mundo, pode-se dizer que a reflexão filosófica é tão antiga quanto a história da humanidade. Uma das bases da Filosofia é a inquietude, a preocupação ou desejo por entender algo, o que faz da filosofia uma experiência reflexiva na procura de respostas sobre um fenômeno. Mas é necessário, neste ponto, ter certos cuidados: a Filosofia não pode ser entendida como uma simples técnica de pensamento, mas sim uma disposição ao conhecimento, constante, sobre as coisas que nos rodeiam, acontecem e, normalmente, nos afetam. Como pensava Sócrates, a Filosofia também é um espaço para a auto compreensão, se entender a si próprio. Paralelamente, busca pelas essências, ou seja, pelo mais fundamental que constitui aquilo que anima ao entendimento.

O objetivo de discutir o ensino de Filosofia na infância se justifica pela possibilidade de ensinar, em especial a filosofar, desde as séries iniciais do ensino fundamental, corroborando para a formação intelectual, moral e afetiva das crianças desde as primeiras etapas de sua vida. Sua importância também nos remete ao fato de que a Filosofia faz parte dos sistemas escolares há uma longa data: desde a cultura grega e latina até nossos dias, seja como disciplina obrigatória ou, ultimamente, optativa. Outro fator que deve ser mencionado, é o fato de que a reflexão é uma das características marcantes da Filosofia e pode ser incentivada em qualquer idade, ou seja, começar na infância e se estender até as últimas séries do ensino médio.

Em meio aos inúmeros fatos que justificam a importância do ensino de Filosofia na Educação Básica, Favaretto (2011) enfatiza que ela atende uma das necessidades básicas de todo ser humano: a tentativa de se compreender. Para isso, é possível utilizar dados da experiência, bem como aqueles que provêm das mais diversas ciências.

Apesar do nítido reconhecimento da Filosofia como espaço e ponte para a formação integral do ser humano, é um fenômeno mundial que o seu ensino não seja considerado como algo fundamental na educação das crianças, salvo contadas experiências. No Brasil, por exemplo, desde a publicação em 2018 da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Filosofia deixou de ser obrigatória no currículo brasileiro. Isto tem gerado inúmeros debates e inquietações por parte de docentes e pesquisadores, que consideram a Filosofia de grande relevância na formação dos

educandos da educação básica. Frente a esse cenário, o seu papel de resistência é novamente evidenciado.

Em vista disso, para delimitar este estudo, o problema que orientou as discussões seguintes visa responder: qual é a importância de ensinar Filosofia para crianças? Que argumentos/fundamentos justificam seu ensino obrigatório nos sistemas escolares? Tal reflexão trava um embate direto com a BNCC e demais legislações que normatizam seu ensino, reduzindo sua relevância ao transformá-la em disciplina optativa. Isto é polêmico, na verdade, muito estranho, visto que a BNCC ao mesmo tempo que estabelece a disciplina como optativa, resgata as suas inúmeras contribuições para formação humana e integral dos educandos

Enfim, o objetivo geral deste trabalho é compreender e demonstrar a importância da filosofia na formação das crianças. Os objetivos específicos delineados para seu alcance são: analisar a natureza da atividade filosófica, discutir a natureza e os desafios atuais do ensino de Filosofia e evidenciar os motivos que justificam o ensino de Filosofia nos anos iniciais da educação básica.

A metodologia para a construção deste trabalho foi baseada em revisão bibliográfica, leitura e análise de textos científicos e documentos oficiais sobre a temática.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A NATUREZA DA ATIVIDADE FILOSÓFICA

A Filosofia tem sua prática diferenciada por aprofundar as discussões em torno de teorias, buscar a causa ou a raiz dos problemas e analisar diversas reflexões. Busca pelo aspecto mais fundamental dos fenômenos que, por muitas vezes, passam despercebidos aos nossos olhos devido à rotina na qual estamos cotidianamente imersos. (SOARES, PIMENTA, 2020).

Quando Sócrates disse que “a única coisa de certa que sei é que nada sei”, demonstrou que para ele o conhecimento não era uma certeza, mas a ignorância no sentido de ausência do saber, porque o filósofo não é aquele que domina tudo, mas sim o que busca a sabedoria e as respostas que permitem compreender os fenômenos, que não sabe de coisa alguma sem manter-se nesse processo contínuo pela busca do conhecimento, ou seja, o pensamento filosófico não tem descanso nem limites. De acordo com Kronbauer:

Desde o seu surgimento na Antiga Grécia a filosofia se apresenta como crítica, desconstrói crenças e mitos do senso comum. Ela espanta as trevas da mistificação e indica possibilidades de superação das limitações das situações vividas que constantemente capturam e mistificam as consciências. E como já disse acima, é na práxis histórica concreta que a consciência filosofante se afirma como consciência crítica [...] jogando-se na imanência do processo histórico para iluminá-lo por dentro e, de forma positiva, procurar caminhos. Quando a reflexão filosófica mergulha na intimidade da história ela pode auxiliar a romper limites, abrir espaços, a atitude condizente com a transcendência da consciência (2012, p. 4).

Em virtude das inúmeras ideias produzidas, os filósofos acabam participando da história, criando ideias e conceitos que se engajam e cumprem funções sociais, políticas e históricas, pois são frutos do tempo em que vivem os filósofos, das suas experiências e constatações.

O filósofo é aquele que busca o conhecimento, entretanto, muitas vezes perde-se em meio a esse percurso, pois parece habitar outro mundo, invisível e não palpável, adentra no âmbito das hipóteses, das causas do conhecimento, se deixa envolver pelos pontos que originaram as discussões para explorar e tentar entender sua totalidade. É visto como um sonhador inenarrável, que se envolve em assuntos

diversos, com ideias e conceitos abstratos que dificilmente são traduzidos com exatidão ou palpáveis. Ao tentar resolver problemas filosóficos nos deparamos com outros que não havíamos pensado/imaginado, situação como a qual nos incomodamos (MURCHO, 2008).

Na *República*, Platão disse que o cão é o animal mais filosófico que existe, pois ele mete o nariz em tudo, tentando descobrir o que as coisas são. Para o filósofo, o cão busca pelo cheiro, mantém-se em uma procura contínua por algo que lhe intriga, coloca a nariz em tudo, investiga incessantemente por pistas que lhe auxiliem a resolver uma determinada situação, etc. E, é justamente essa atitude do filósofo, daquele que se preocupa com o outro, com a necessidade de resolver os problemas da *polis*, os desafios inerentes à própria vida. De acordo com Costa Filho:

O cão, então, é tratado como um caso privilegiado na natureza, um animal que pode, como o homem, partilhar de uma “disposição” filosófica (...) pois que é capaz de balancear harmoniosamente os elementos constitutivos de sua alma: uma vez contida sua ferosidade por intermédio de sua disposição à docilidade, tem-se no cão um equilíbrio que demonstraria “a engenhosa conformação da sua natureza, que é verdadeiramente amiga do saber (COSTA FILHO, 2019, p.219)

A Filosofia nos lança para um caminho, nos permite pensar sobre a vida, a essência ou aparência dos fenômenos e das coisas tal como se mostram para a nossa compreensão. Em virtude disso, o pensamento filosófico de cada indivíduo é direcionado a coisas específicas, que lhe intrigam. (MURCHO, 2008).

A Filosofia é uma forma de observar a realidade, pensando-a de diversas formas, por meio da procura de respostas racionais. É o pensamento abstrato que faz as perguntas mostrando como podemos ser seres existentes, pensar nos valores, sobre religião e outros assuntos. Colocando o pensamento filosófico como forma de conhecer novas alternativas, que transcendem o concreto e palpável, gradativamente ele nos permitirá entender com mais profundidade aquilo que nos intriga.

O pensamento filosófico nos faz questionar, criticar, duvidar e enxergar de outras formas o mundo e as coisas, incomodando aqueles que acham que está tudo pronto e acabado, ao mesmo tempo em que rompe as barreiras da ignorância e nos mostra inúmeras possibilidades que podem ser alcançadas pelo nosso pensamento. Em virtude disso, é possível afirmar que a filosofia é muitas vezes uma disciplina

indisciplinada, porque incomoda, questiona e critica as coisas da sociedade (GALLINA, 2004).

Vale mencionar que ensinar e aprender Filosofia são atividades diretamente vinculadas e indissociáveis. Não é possível abordá-la sem referenciar os homens que formalizaram o pensamento desde a Grécia Clássica. Paralelamente, o aprendizado de tais saberes é básico, tanto em Filosofia quanto em qualquer outra área do conhecimento. Aprender, de algum modo, já implica o filosofar em si, portanto filosofar não é uma atividade que se restringe a uma aprendizagem profissional. Sobre isto, Favaretto ressalta que:

[...] o filosofar que mais nos interessa e que interessa mais especificamente na educação, seja na educação básica, seja na universidade é aquela atividade de Filosofia que necessariamente trabalha com certos pressupostos, trabalha com certas formalidades – esses pressupostos e essas formalidades estão apresentados nas pesquisas mais específicas. A questão principal, no caso do ensino básico, é como não transformar a disciplina nesse nível básico numa simples transferência dos procedimentos do ensino universitário de filosofia. Há uma especificidade própria do ensino de filosofia no nível básico. Essa especificidade é, acima de tudo, pedagógica, ou seja, a relação entre o que é específico na filosofia e o que é necessário pedagogicamente é que deve resolver a questão da filosofia como disciplina propriamente educativa (2011, p. 16).

As formalidades e os saberes prévios que o docente possui, questões conquistadas ao longo da sua graduação, são indispensáveis para orientar o processo de filosofar, discutindo de forma adequada os saberes com as crianças, os jovens e os adultos, introduzindo conceitos, explicando e discutindo o pensamento de diferentes filósofos, de modo que os educandos, de acordo com a sua faixa etária, sejam orientados a pensar por si próprios “[...] julgando, criticando, aceitando e rejeitando” (FAVARETTO, 2011, p. 16).

É diante desse cenário que lança luz sobre as inúmeras contribuições da Filosofia para a formação humana, que se torna possível pensar sobre a importância de seu ensino na Educação Básica e, mais especificamente, nos anos iniciais do processo educacional infantil, temáticas que serão apresentadas a seguir.

## 2.2 O ENSINO DE FILOSOFIA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS ATUAIS.

No mundo contemporâneo, quando pensamos sobre o ensino de Filosofia na educação básica, entramos em longos debates e principalmente na questão da sua “utilidade”, uma vez que seu corpus teórico é muito abrangente e coloca em prática a necessidade de pensar e argumentar para possibilitar a origem a novas ideias.

Aristóteles no início da metafísica compreende que: “todos homens têm, por natureza, desejo de conhecer” (ARISTÓTELES, 2002, p. 980). É por curiosidade de conhecer as coisas, para dar-lhes significados, que a Filosofia amplia sua importância no contexto educacional, pois, afinal, vai para além de conceitos prontos e acabados, estimulando as crianças, jovens e adultos, a desenvolverem seu pensamento reflexivo.

Por tais razões que ensinar filosofia é considerado um problema propriamente filosófico, e também político, pela questão da produção e reprodução dos saberes e práticas, com lugares exatos para sua abordagem, tais como as escolas, as universidades e instituições de formação docente, cujos profissionais adotam metodologias diversas<sup>1</sup> para a promoção do seu ensino.

Em meio aos diversos fatores que justificam a importância e a necessidade do ensino de Filosofia na educação básica, Favaretto pondera:

De fato, a filosofia é requerida no processo educacional, pois cobre uma das necessidades fundamentais do homem. A tentativa de se compreender, de se justificar através de uma reflexão que leva em conta tanto os dados da experiência como os dados dos diversos conhecimentos humanos têm na filosofia o seu lugar mais específico. A especificidade da filosofia está exatamente em ultrapassar tanto os dados da experiência como um conjunto dos conhecimentos que vêm, por exemplo, através das ciências. Porque na filosofia qualquer problema humano, qualquer necessidade humana, qualquer experiência humana são colocados sob o prisma da reflexão – na busca dos fundamentos da experiência humana, dos fundamentos do seu comportamento, das suas escolhas, das suas justificativas (FAVARETTO, 2011, p. 16).

É justamente essa necessidade de compreensão que não pode estar fora do processo educacional, uma vez que os educandos são dotados de curiosidade e

---

<sup>1</sup> Como exemplo dessas metodologias, podem ser mencionadas as aulas expositivas dialogadas, leitura e análise dos textos filosóficos, exercícios, elaboração de dissertações filosóficas, músicas, paródias, poesias, teatro, dramatizações acerca de temas específicos, utilização de filmes, juris simulados, dentre outras práticas que devem ser ajustadas às temáticas discutidas em consonância com o currículo, série, perfil e a faixa etária dos educandos.

deparam-se cotidianamente com a necessidade de pensar sobre inúmeros problemas que permeiam sua vida, sobretudo, aqueles que se vinculam a moralidade e a justiça (CULLEN, 1997).

Para satisfazer tais curiosidades, compete ao professor de Filosofia dispor de “um conjunto, não só de conhecimentos, mas de conceitos e de interpretações que os ajudam a se colocarem em perspectiva, ou seja, se colocarem criticamente perante a realidade – julgando, criticando, aceitando e rejeitando” (FAVARETTO, 2011, p. 17). A leitura e análise dos conceitos produzidos pelos filósofos e filósofas ao longo da história, acerca de uma determinada temática, é uma prática fundamental em meio a esse percurso.

Da mesma forma que outras áreas do conhecimento, a Filosofia possui uma estrutura própria, dividida em vários campos, e isto abre a possibilidade de ser entendida de múltiplas maneiras para ser mediada no contexto escolar, universitário ou em qualquer outro, de forma heterogênea e ampla. Com efeito, para Cerletti:

[...] o que move o filosofar é o desejo de ter que dar conta, permanentemente, de uma distância ou um vazio que não acaba de encher. Frente a essa necessidade, ensinar ou tentar mediar os conhecimentos filosóficos se mostra como uma tarefa desafiadora para os docentes (CERLETTI, 2009, p. 24).

Ensinar e aprender filosofia vai além de certas habilidades lógicas e cognitivas. É preciso, sobretudo, que o acadêmico desde o princípio de sua experiência formadora, assuma-se também como sujeito de produção do saber, isto é, que se convença definitivamente de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.12). Neste contexto, Paviani pensa que:

A aprendizagem consiste em saber-fazer em efetivar uma habilidade, isto é, uma competência determinada que culminará em diferentes resultados. Logo, ensinar não implica na mera imposição de conteúdos e/ou conceitos; aprender é uma ação que está diretamente vinculada a uma escolha que é feita conscientemente pelos educandos. Eles precisam estar motivados e dispostos para se apropriar daquilo que está sendo mediado, para refletir, questionar, atribuir novos sentidos a cada temática analisada (PAVIANI, 2003, p.08).

Em seu método de ensino e aprendizagem, Paulo Freire, embora se preocupasse fundamentalmente com pessoas adultas, utilizava as habilidades



filosóficas para ampliar as aprendizagens dos alunos mais humildes, facilitando a apropriação dos saberes necessários para ler e escrever e, por sobretudo, para a leitura do mundo a partir do processo de alfabetização. Sua pedagogia do oprimido contribui para possamos pensar também na importância do ensino de Filosofia na infância: a democratização da oportunidade de construir a reflexão filosófica.

Diante da compreensão de que ensinar não é transferir conhecimentos ou conteúdos de forma sistematizada e hierarquizada, descolada do mundo e da realidade dos alunos, tampouco é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado, que emana o anseio sobre pensar os modos mais adequados para o pensar filosófico como uma atividade livre e que fomenta a liberdade de pensar.

Ensinar e aprender filosofia é um processo que exige dedicação tanto do professor quanto do aluno, conhecimento prévio e predisposição para buscar compreender aquilo que está em discussão. É nesse sentido que os ensinamentos de Freire (1996) sobre ser um educador democrático ganham força, pois lhe compete adotar diferentes estratégias de ensino para que os educandos tenham sua curiosidade despertada, assim como sua capacidade crítica e a possibilidade de se libertar das amarras de um saber periférico.

Paviani (2003, p.07) enfatiza que a Filosofia “de algum modo tem a ver com cada um de nós”; portanto, precisa ser acessível a todos os interessados; por tanto, os textos produzidos e as abordagens delineadas pelos professores devem impactar os educandos, proporcionando-lhes novas possibilidades e/ou experiências de pensamento. Os conceitos mediados pelo docente devem convidar continuamente os educandos à reflexão, tendo a oportunidade de transformarem a si, ao passo em que modificam suas opiniões, assim como o mundo no qual vivem.

### 2.3 ENSINO DE FILOSOFIA E A BNCC

Dentre os inúmeros desafios que permeiam o ensino de Filosofia, enfatiza-se a reforma do Ensino Médio que foi promovida pela Lei nº. 13.415/2017, bem como da Base Nacional Comum Curricular<sup>2</sup> (BNCC do Ensino Médio) que retirou a

---

<sup>2</sup> A BNCC é um documento que orienta as normas curriculares adotadas no Brasil, garantindo que todos os educandos da educação básica tenham acesso aos conteúdos considerados indispensáveis para sua formação, sendo orientada por princípios éticos, políticos e estéticos. Está alinhada a Lei de

obrigatoriedade do ensino dessa área do conhecimento, assim como da Sociologia. A BNCC, em termos concretos, não coloca a Filosofia como algo relevante na formação das crianças do Brasil, deixando-a em um papel secundário (ao ser uma disciplina optativa).

A revogação dos artigos acrescentados à LDB (Lei nº. 9394/1996) pela Lei nº. 11.684/2008, trouxe grandes incertezas para os docentes que se formaram em Filosofia, pois existe, inclusive, a dúvida se a Filosofia será abordada de maneira transversal (SOARES, PIMENTA, et al., 2020). Isto piora a situação.

Vale mencionar que o objetivo da nova BNCC figura justamente em superar a fragmentação das políticas educacionais e da própria abordagem dos conteúdos que tem sido comum no país, ampliando, conseqüentemente, a qualidade da educação. Para isso, delimitaram-se dez “Competências Gerais” responsáveis por orientar os profissionais da educação a reverem seus currículos e propostas pedagógicas, embora ainda haja certa autonomia (SILVA, 2021).

Pautados nisso, verifica-se que as posturas assumidas pelos estados em relação à retirada da Filosofia da matriz curricular se diferenciou. Muitos docentes, gestores e técnicos consideraram indispensáveis os saberes inerentes a Filosofia (e também a Sociologia), por isso, mantiveram, ao menos uma hora aula por semana, nas três séries do ensino médio, como no caso do Paraná.

A primeira versão da BNCC foi publicada no ano de 2015 e a terceira em 2018. Desde então, é possível verificar que o modo como as Ciências Humanas em geral têm sido tratadas, irá culminar em perdas inegáveis as novas gerações no que diz respeito à sua formação cultural. Na medida em que a Filosofia desaparecer como matéria específica, assim como a Sociologia, seus conteúdos próprios, mas não específicos serão negligenciados, por exemplo, “[...] política, estética, lógica, epistemologia e metafísica. Entre os restos, a Ética, que requer, necessariamente, uma abordagem filosófica, aparece com recorrência na BNCC–EM (HEUSER; DIAS, 2020, p. 124).

Dessa forma, quando pensamos na situação da Filosofia no Brasil, verificamos um futuro de incertezas que culmina na perigosa possibilidade de sua

---

Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96), Plano Nacional de Educação (PNE) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCN). Após inúmeros debates e reformulações, foi aprovada a versão atual em 2018 que está orientando a revisão dos currículos da educação básica de todo o país. (SILVA, 2021).

exclusão total do currículo da educação básica, bem como de suas contribuições para que os educandos tomem um novo posicionamento frente à realidade na qual estão inseridos, do senso comum à consciência filosófica.

Tal situação trava um embate direto com a importância do ensino de Filosofia nos sistemas escolares, pois na medida em que as crianças e adolescentes têm acesso aos seus conteúdos, são guiados para aprender o debate, para o diálogo e argumentação, para a ampliação gradativa do seu senso crítico e da autonomia necessária para deixar de apenas reproduzirem informações e ideias.

Mesmo diante de tantas incertezas, afirma-se que o ensino de Filosofia é de grande importância para a formação dos educandos e, por isso, deve ter início nas primeiras séries do ensino fundamental I, de maneira obrigatória e não optativa. Para aprofundar as discussões sobre essa temática, apresenta-se o próximo subitem.

#### 2.4 POR QUE ENSINAR FILOSOFIA PARA CRIANÇAS?

A educação das crianças tem como objetivo estimular o conhecimento e a reflexão dos mais diversos assuntos/conhecimentos considerados indispensáveis para cada faixa etária. Por isso, os docentes têm a responsabilidade de elaborar seu planejamento tendo em vista os conteúdos contidos na matriz curricular, mas também a adoção de estratégias metodológicas que contribuam para desenvolver sua imaginação, curiosidade e reflexão que permita explorar múltiplas temáticas durante o processo de aprendizagem.

Para Cullen (2019) a infância merece um cuidado especial, uma vez que é nela que se efetiva um amplo e intenso processo de ensino e aprendizagem, no qual as crianças devem ter oportunidade de aprender, mas também de ensinar. Não podem ser compreendidas como meros recipientes em que se depositam um conjunto de conhecimentos, pois são seres cheios de potenciais que precisam ser explorados de forma crítica, na medida em que tenham a oportunidade de dialogar, se expressar, exercitar seu pensamento e suas aptidões. Em síntese, “a educação acontece quando não se bloqueia o desejo de aprender e quando se põe a ensinar pontos sucessivos” (CULLEN, 2019, p.27 - TN).

Dentre os autores que discutem o ensino de Filosofia na infância, foram mencionados nesse estudo Freire e Lipman. Embora um não tenha influenciado o outro, existindo apenas leituras semelhantes de estudiosos como Dewey e Merleau-

Ponty, ambos apontam para a necessidade de manutenção das comunidades de investigação e dos círculos de cultura nas salas de aula. Afirmam que os educandos precisam ser conhecidos e valorizados pelo professor enquanto planeja e executa sua aula; discutem a eliminação de práticas educativas bancárias, ou seja, meramente reprodutoras, dentre outras metodologias que tornam o aluno responsável pela sua própria aprendizagem permitindo-lhe exercer um papel ativo, ampliando seu pensamento crítico, criativo, sua curiosidade epistemológica, etc. (CULLEN, et al., 2019).

Nussbaum (2015) considera a necessidade de ensinar as crianças a partir do método socrático, pois entende-o como fundamental para alcançar o desenvolvimento de uma sociedade que pode aprender de forma coletiva. Em seus estudos, manifesta o desejo de tornar as salas de aula do ensino fundamental e médio, espaços socráticos de discussão, prática que não é utópica nem requer talento. Encontra-se ao alcance de qualquer docente que respeite a inteligência das suas crianças em vias de desenvolvimento. O autor afirma que “para ser um bom professor é preciso ensinar as crianças a perceber como a história é construída a partir de diversos tipos de fontes, de provas e a aprender a avaliar narrativa histórica comparando-a com outra” (NUSSBAUM, 2015, p.83). Portanto, a aprendizagem não pode simplesmente ser reduzida a algo técnico e instrumental. Em sala de aula, o docente<sup>3</sup> deverá planejar diferentes momentos para que as crianças pensem no que foi aprendido, na forma como serve a sociedade atual, em seus desdobramentos sobre sua vida, etc.

Freire (1996) é bastante claro quando trata sobre o modo como os conteúdos são ensinados e a forma como o professor se relaciona com os educandos, afirmando que ambos são responsáveis diretos pela possibilidade de terem uma formação emancipadora ou simplesmente alienante. A práxis da sala de aula precisa ocorrer de maneira dialógica, onde professor e aluno aprendem conjuntamente, em uma posição horizontal, de maneira cooperativa e democrática. Compete aos professores de Filosofia se especializar constantemente para conseguir mediar os conhecimentos filosóficos específicos da infância, contribuindo para que seus pequenos educandos possam ampliar sua imaginação, argumentação, e raciocínio crítico.

---

<sup>3</sup> Embora nesse artigo se utilizem termos como o professor, os professores, o docente ou os docentes, se tem em vista profissionais de ambos os sexos, não almejando-se manter uma linguagem sexista. Os profissionais foram designados assim para que não fosse preciso apresentar, repetidamente, os gêneros masculino e feminino nas passagens textuais.

A Filosofia e a autonomia do pensamento encontram-se diretamente vinculadas, por isso, deveria ser tratada desde a infância, contribuindo para a formação desses pequenos educandos, ampliando a qualidade da educação, instigando a curiosidade e o desenvolvimento de um pensamento lógico, coerente e crítico (MORIYÓN, 2010).

O ato de filosofar na infância também é fundamental para que as crianças aprendam a pensar, a questionar e buscar pela essência dos fenômenos, pelos seus sentidos e significados. Essa habilidade se reflete positivamente em todas as disciplinas escolares, no modo como os alunos interpretam as informações mediadas e realizam as atividades propostas (LIMA, 2004).

Entre as várias propostas para ensinar Filosofia para crianças, apresenta-se a seguir, de forma breve, as ideias e contribuições de Matthew Lipman, um filósofo norte-americano que se destaca nessa área em virtude do programa que criou com o objetivo de reduzir as dificuldades que os jovens apresentam para pensar criticamente sobre os mais diversos temas.

## 2.5 MATTHEW LIPMAN E O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

O Programa Filosofia para Crianças, criado por Lipman na década de 1960, em virtude de sua experiência como educador na Columbia University, o fez pensar que a lógica deveria ser tratada nos primeiros anos escolares e, portanto, a Filosofia deveria estar presente nas mediações docentes. Suas ideias de que as crianças poderiam filosofar chegaram ao Brasil na década de 1980, e instigaram o desenvolvimento de inúmeros projetos no país, adaptados às particularidades de cada região.

Como exemplo de tais experiências, cita-se o trabalho desenvolvido pela norte-americana naturalizada brasileira, Catherine Young Silva (1943-1993) “que fundou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), em São Paulo, em janeiro de 1985” (LIMA, 2018, p. 29). Com apoio de vários outros docentes que atuavam no CBFC, foram realizadas as traduções e adaptações de vários textos de Matthew Lipman, que foi seu professor na Montclair State University entre 1983 e 1984. No CBFC foram preparados inúmeros professores para o trabalho da Filosofia para Crianças, incentivando escolas a também implantarem essa proposta.

Frente aos diversos resultados positivos obtidos do ensino de Filosofia para Crianças, Lima aponta:

Uma experiência bem sucedida foi realizada nas Escolas Públicas de São Paulo, com orientação do Prof. Dr. Marcos Lorieri, então professor da 30 PUC/SP e coordenador do CBFC. À medida que o programa foi sendo reconhecido pelo Brasil, sobretudo pelos relatos das experiências, criou uma demanda maior de escolas e professores interessados em formação. Na década de 90, foram criados centros de formação de professores em diversas cidades brasileiras: São Paulo – SP, Campinas – SP, Ribeiro Preto – SP, Florianópolis – SC, Curitiba – PR, Belo Horizonte – MG, Petrópolis – RJ, Cuiabá – MT, Brasília – DF, Recife – PE e São Luis – MA (LIMA, 2018, p 30)

Depreende-se da citação anterior, o fato de que ao longo da década de 1990 vários centros de formação de Filosofia para Crianças foram criados no país, inspirados nos ensinamentos de Lipman e na perspectiva de transformar a realidade das escolas públicas brasileiras e, sobretudo, a qualidade da educação mediada.

Lipman atribuiu aos professores formados em Filosofia a responsabilidade de mostrar os caminhos possíveis para que seus alunos compreendessem as especificidades de sua vida, da realidade na qual estão inseridos através de uma investigação ativa, em vez de portarem-se apenas receptores passivos do conhecimento no contexto escolar.

Seu projeto educacional foi pautado especialmente na Filosofia, mas também na Literatura e Educação. Tem o objetivo de instigar as crianças a ampliarem sua autonomia e independência, aprendendo a refletir por si próprias, a ter um pensamento bem estruturado, crítico, reflexivo, criativo e autônomo.

Em virtude de todas essas competências e habilidades, gradativamente desenvolvidas, justifica-se o fato de que a Filosofia deve estar presente na escola, nas abordagens diárias realizadas pelos professores e professoras, desde os anos iniciais da escolarização, mesmo sendo permeada por distintos níveis de complexidade nos assuntos que aborda. Nas palavras de Lipman:

O objetivo de qualquer tipo de educação é a libertação do aluno das doutrinas inquestionáveis às quais foi forçado, de modo que seja capaz de desenvolver a habilidade de pensar por si mesmo, descobrir seus próprios caminhos e crenças de compreensão do mundo (LIPMAN, 1975, p.06).

A filosofia educativa de Lipman propõe-se, portanto, a desenvolver o espírito crítico e a autonomia individual com o objetivo de formar indivíduos ativos na sociedade. Para isso, o processo de ensino e aprendizagem deve estar pautado em saberes provenientes de múltiplas áreas, para que a prática educacional possa efetivamente preparar de forma crítica as novas gerações.

Seus estudos mostram que a criança deve ser educada como um todo, emocional e mentalmente. Para isso, os professores de Filosofia podem ensiná-la através de atividades manuais e criativas, estimulando-lhe a pensar por si mesma, mostrando que o conhecimento vem das experiências. As crianças precisam ser postas diante de distintos problemas, para que em seguida, possam buscar soluções possíveis, alcançando distintos resultados por meio de suas experiências.

Ao analisar a proposta de Lipman, Pereira e Paiva reiteram:

[...] o programa Filosofia para Crianças, é uma proposta educacional alternativa, a qual pretende ensinar habilidades de pensamento desde os primeiros anos da escolarização e quebrar a lógica da pura transmissão de conhecimentos e da memorização. Habilidades essas, cultivadas a partir da filosofia, tendo a lógica como fio condutor desse cultivo e a literatura como seu instrumento. (PEREIRA; PAIVA, 2020, p. 09)

Para isso, as salas de aula deveriam ser transformadas em comunidades de investigação, plurais e democráticas, nas quais as crianças e adolescentes poderiam desenvolver seu pensamento, por exemplo, por meio da leitura de novelas filosóficas, diálogo direcionados de forma metódica e pelo rigor lógico inerente a Filosofia, para que se “[...] tornem cidadãos democráticos, capazes de conduzirem-se, de forma racional, criativa e reflexiva, a uma sociedade melhor, pelo exercício contínuo e interativo do “correto pensar”. (PEREIRA, PAIVA, 2020, p. 10).

Cullen (2019, p.49) afirma que o ensino de Filosofia para crianças deve ocorrer de forma democrática, consolidando-se como um caminho necessário para fomentar e fortalecer as sociedades democráticas e a própria democracia como um todo. Contudo, enquanto Lipman afirma que o educador deve ser neutro e imparcial, agindo como um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, Freire assume uma postura distinta, afirmando que o professor não pode ser neutro, precisa tomar partido, defendendo os oprimidos do sistema capitalista e lutando para que sua educação seja realmente emancipadora (CULLEN, 2019).

Lipman é enfático ao afirmar que a Filosofia pode contribuir com o alcance de uma vida boa, crítica e consciente sobre a sociedade, suas organizações, os papéis sociais que cada indivíduo exerce, para isso, seu ensino não pode ser imparcial ou insensível ao capitalismo e suas forças destrutivas.

O ensino de Filosofia deve estar vinculado ao compromisso com “a igualdade e a diferença, com a justiça e a liberdade” (CULLEN, 2019, p.51 - TN<sup>4</sup>). Para isso, nos textos que as crianças têm acesso, o conteúdo filosófico toma para si uma importância secundária, enquanto as comunidades de investigação ampliam sua importância ao passo em que supera o padrão tradicional de ensino no qual os alunos são meros receptores do conhecimento.

Os temas tratados lhes dão a oportunidade de colocar em movimento seus pensamentos, capacidade de análise, construir suas opiniões; “ou seja, o que importa é como as crianças pensam e não tanto sobre o que elas pensam” (LIPMAN, 1995, p. 252-253). Neste cenário, Silveira pensa que:

A metodologia da comunidade de investigação consiste basicamente na leitura compartilhada do episódio do romance que estiver sendo trabalhado, seguida da discussão sobre os temas levantados pelos alunos a partir dessa leitura. Todos são estimulados a falar com liberdade sobre os assuntos abordados e as opiniões dos colegas. Ao professor cabe coordenar a discussão, atento ao desempenho argumentativo (lógico) dos alunos. Através dessa “investigação dialógica cooperativa” (...), as crianças vão aprendendo a distinguir um argumento bom de outro ruim, a exigir dos outros e de si mesmas coerência na argumentação, e a se autocorriger; ou seja, através da comunidade de investigação elas aprendem a “pensar melhor”, tornando-se mais racionais (SILVEIRA, 2011, p. 129).

É justamente essa habilidade de pensar com lógica e coerência, uns dos pontos mais importantes que justificam a necessidade de ensinar Filosofia para crianças, visto que elas naturalmente são curiosas e vivenciam um processo intenso de aprendizagem, criatividade, construção do conhecimento, formação de personalidade, valores, etc. (CHOMSKY, 2001).

Uma escola que não se proponha criar os espaços para que as crianças desenvolvam essas habilidades, cognitivas e éticas, tende a se tornar em uma instituição de obediência imposta, ou seja, que não favorece o desenvolvimento da

---

<sup>4</sup> Tradução nossa (TN).



criatividade e da independência do pensamento. Pior ainda, são recintos que estruturam como espaços de poder e de controle.

Quando as crianças são postas em comunidades de investigação, elas podem pensar juntas sobre diversas temáticas e a partir de gêneros textuais. Na narrativa, por exemplo, na medida em que leem os episódios do livro, também podem analisar os personagens (características psicológicas, comunicativas, etc.) e as situações em que estão inseridos (problemas cotidianos, responsabilidades, etc.) falando livremente sobre essas situações e como esses personagens atuam conforme princípios e valores. Existe, neste tipo de atividades escolares, questões inerentes à reflexão filosófica: trata-se de questões existenciais que podem ser analisadas pela própria experiência vital; isto é, a associação entre ficção narrativa e realidade.

Paralelamente, o professor orienta de forma lógica as discussões, discute os argumentos com os alunos, os estimula a formular novos argumentos, a compreender aqueles que estão bem formulados e diferenciá-los daqueles que não estão bem enunciados, o que permite o desenvolvimento de investigações cooperativas no âmbito da interação dialógica (SILVEIRA, 2011).

Existem linhas de pensamento que consideram a Filosofia como algo apenas para o “entretenimento das elites” e desnecessária para a formação da “mão de obra”, dos “futuros cientistas” e dos “homens de negócios” que serão úteis para os interesses da classe dominante. É considerada uma disciplina perigosa, pois dotar a todo ser humano de autonomia e soberania da consciência seria um risco para a hegemonia das elites. Nós defendemos que a filosofia deve ser compreendida como preponderante para a formação integral de todo ser humano, independente da sua condição, e deve ser abordada desde os anos iniciais.

As ideias de Lipman mostram de forma clara como a Filosofia é essencial para a formação infantil, os seus benefícios e contribuições, portanto, nos resta refletir por quê não é abordada nos anos iniciais? Como os profissionais responsáveis pela elaboração das legislações que tratam da educação têm a audácia de propor a exclusão da Filosofia no ensino médio? Quais são os verdadeiros objetivos da BNCC? Ao parecer, a razão é bem simples: atualmente a educação está mais voltada para responder aos interesses das cúpulas empresariais que dominam o mercado econômico, que voltada às necessidades sociais, como a superação da pobreza a partir de uma educação de qualidade, igualitária e que promova a formação de cidadãos reflexivos. Este mercado não precisa de pessoas capazes de pensar por si

próprias e sim de sujeitos que operem como mão de obra barata; ou seja, pessoas alienadas ao sistema criado e defendido pelas elites privilegiadas do Brasil e que exercem um forte domínio político (FREITAS, 2016).

Os dados levantados anteriormente evidenciam a necessidade dos docentes se organizarem para defender a permanência do ensino de Filosofia, lutando pelos direitos das crianças, jovens e adultos que estão em processo de formação, que precisam aprender a refletir, a pensar criticamente, mas que estão correndo riscos com consequências profundas em sua formação, caso ela desapareça totalmente.

O reconhecimento desse direito à aprendizagem, que é inerente a toda a criança, resulta de “[...] uma complexa e dinâmica inter-relação entre o herdado geneticamente e o recebido através do meio” (MORYÓN, 2010, p. 144). Por isso, é indispensável que a educação escolar proporcione múltiplas experiências de aprendizagem e de pensamento, considerando suas singularidades, nível de desenvolvimento, interesses, vivências, etc.

Ao tecer comentários sobre o vínculo que une filosofia e a infância, Kohan salienta que:

Podemos perceber essa relação entre filosofia e infância pelo lado dos possíveis: a filosofia e o filosofar são também escuta atenta dos possíveis no pensamento, e a infância é, justamente, pelo menos num sentido, o reino das possibilidades e da ausência de determinação. Quando se entra na filosofia, lê-se sempre no seu frontispício: “Tudo pode ser de outra maneira”. Se não for, não há o que pensar. Por fim, e ainda mais perto desse exercício, a infância é a marca da própria escrita em filosofia, que se antecipa ao escrever, que se escreve antes de saber e para saber (KOHAN, 2015, p. 217)

É justamente essa facilidade para pensar, esse pensamento despido de pré-compreensões e concepções, que inspira o filosofar na infância. As crianças colocam em movimento suas experiências, analisam os conceitos, estabelecem relações, buscam sentidos e possibilidades para aquilo que está sendo discutido pelo docente. Para Lyotard (2005) podemos pensar a escrita filosófica como uma criança que se mostra prematura e inconsciente, dimensão que nunca é abandonada, mesmo diante da pretensão de alguns filósofos.

Entre várias afirmações sobre os mecanismos de reflexão filosófica na infância, Kohan destaca que:

[...] na infância do pensamento, a ignorância tem vários significados possíveis: ela é ausência de saber, mas também é o saber afirmativo que não aceita o que “todo mundo” considera saber; é não querer saber o que, nem como, todo mundo sabe. Então, no mundo filosófico da infância, o mais sábio não sabe. Não sabe o saber que não se sabe a si mesmo e não sabe outro saber que o saber de querer sempre saber. A ignorância deixou de ser ausência, carência e insuficiência para tornar-se potência e motor dos possíveis (KOHAN, 2015, p. 219)

Diante dessa ausência de saber e do fato de que explicações meramente prontas, produzidas gradativamente ao longo da história, sem uma reflexão mais profunda, não satisfazem a curiosidade das crianças. Isto amplia a importância das mediações filosóficas no contexto escolar.

No crescimento, o filosofar pode contribuir com o seu desenvolvimento, fazendo analisar de forma mais enfática aspectos inerentes ao mundo em que se vive, a sociedade da qual participa, os valores aceitos e rejeitados, o papel enquanto futuros e futuras cidadãos, dentre tantas outras temáticas que, por vezes, não são refletidas (SCHLESENER, 2017).

Na infância, as crianças estão abertas ao novo, situação que também viabiliza as abordagens filosóficas que as ensinam a fugir de padrões normatizadores, refletindo sobre eles de forma mais pontual, ampliando seu senso crítico, capacidade de dialogar, trocar impressões, rompendo gradativamente com as determinações alienadoras que estão postas historicamente.

Por meio do filosofar a criança se descobre a si mesma, transgride padrões, se abre para o novo, reinventa-se, independentemente de sua idade e das experiências prévias que possui. Em virtude disso, mais uma vez lança-se luz sobre a importância e necessidade de ensinar Filosofia desde as séries iniciais do ensino fundamental, de forma obrigatória e não optativa, por professores habilitados adequadamente, capazes de orientar o ato de filosofar como certo modo de existir e de viver.

Diante do que foi exposto, reitera-se que a proposta de Lipman tem na democracia, educação e Filosofia, formas de investigação que tomam para si diferentes objetivos. Sobre isto, Cullen pensa que “a Filosofia explora, em sua dimensão educacional, o aspecto problemático da experiência. A democracia investiga como proceder de forma imparcial” (CULLEN, 2019, p.49 -TN).

Portanto, por meio das mediações tecidas pelo professor e do delineamento da relação dialógica tão almejada, as crianças têm a oportunidade de ampliar sua racionalidade e razoabilidade, diante de inúmeros temas. Somente assim seu

pensamento pode se tornar “crítico, criativo e cuidadoso”. No ambiente educacional as crianças deveriam ter a oportunidade de explorar de forma “democrática (imparcial) e filosófica (problematizadora) sua experiência” (CULLEN, 2019, p.49 -TN).

Vale reiterar que a construção de uma sociedade melhor, com sujeitos realmente capazes de exercer seu papel como cidadãos, aptos a reconhecer e valorizar as diferenças existentes entre os sujeitos, sendo éticos e valorosos, perpassa por inúmeras condições, dentre elas, pela escolarização e pelos saberes apropriados ao longo dessa jornada, onde, como foi demonstrado, a filosofia se torna fundamental.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude da publicação da última versão da BNCC, em 2018, os professores das disciplinas de humanidades se viram diante de uma complexa situação: a diminuição da importância das disciplinas associadas à reflexão social e compreensão da sociedade como um todo. Isto pode ser observado, por exemplo, na exclusão do ensino de Filosofia e Sociologia da matriz curricular obrigatória e a redução da carga horária de outras áreas associadas às ciências humanas e sociais. Tais medidas travaram um embate direto com todas as ações construídas ao longo da história da educação do Brasil que procuram promover uma formação crítica, reflexiva e integral dos educandos.

A educação quando esquece das questões humanas negligencia saberes e valores necessários para a formação do indivíduo, prejudicando sua participação na sociedade. A abordagem da Filosofia e a manutenção da sua presença no currículo é indispensável para estimular o raciocínio crítico e argumentativo dos educandos, instrumentalizando-os para pensar a sociedade e suas facetas de maneira específica. O fim da obrigatoriedade da presença da Filosofia no Ensino Médio, ampliou as inquietações sobre a necessidade de ensiná-la nos anos iniciais do ensino fundamental. Sabe-se que o currículo toma para si a responsabilidade de elencar os conteúdos considerados indispensáveis para a vida em sociedade, dessa forma, tem especificidades inerentes a cada nível e modalidade de ensino.

Ensinar Filosofia para crianças, implica em adotar diferentes estratégias para que as crianças aprendam a pensar criticamente sobre os mais diversos temas, não

se contentando em manter uma postura não reflexiva frente às mediações promovidas pelos professores.

Na medida em que os conteúdos presentes no currículo são mediados, gradativamente as crianças ampliam sua autonomia e independência, suas habilidades para pensar e criar seus próprios saberes e formas de ser. Portanto, a possibilidade de filosofar deveria estar presente em todas as séries da educação básica e não apenas no ensino médio, onde, de fato, corre o risco de ser excluída definitivamente.

Concordamos com o Lipman e a sua defesa de que desde os seus primeiros anos escolares, as crianças deveriam aprender a filosofar, pois tal prática se refletiria de forma positiva ao longo de toda a sua formação, facilitando a aprendizagem das mais diversas matérias, além de torná-los cidadãos reflexivos e críticos. As crianças naturalmente são curiosas, portanto, ensiná-las a filosofar, a construir um pensamento próprio que ultrapasse a simples memorização, ampliando os saberes inerentes ao seu intelecto, autoconhecimento, compreensão de valores éticos, dentre tantos outros aspectos, mostra-se uma necessidade latente e que deve ser reconhecida nas inúmeras instituições de ensino brasileiras. Portanto, torna-se uma necessidade a retomada dos projetos de Filosofia para Crianças que há muito se perderam no contexto brasileiro, especialmente nas instituições públicas.

O acesso aos conhecimentos filosóficos são imprescindíveis para que os educandos matriculados na educação básica aprendam a lidar com ideias e informações diversas, ampliando gradativamente seu senso crítico e a forma como compreendem a sociedade. Dessa forma, “[...] o conhecimento que anteriormente era conduzido apenas por opiniões comuns, destituídos de critérios e ressignificado na medida em que se apropriam de visão holística da vida e da realidade” (PAVIANI, 2003, p. 32). Desse modo, a discussão dos conteúdos filosóficos cumpre o fim pensado por Lipman que centra-se na ampliação das habilidades cognitivas dos educandos, a partir dos seus primeiros anos escolares. Por meio do diálogo, os conceitos vão sendo abordados de forma contextualizada, as pré-compreensões são questionadas, as ideias convergentes e divergentes são postas em debate.

Quando as salas de aula são transformadas em pequenas comunidades de investigação, o ensino e a aprendizagem torna-se mais significativo, uma vez que os problemas são discutidos e os alunos precisam encontrar soluções para cada um

deles, de forma coerente e ética, observando os contextos nos quais vivem, os valores compartilhados e aceitos, etc.

Na infância a curiosidade é comum, bem como o anseio por conhecer o mundo e o modo como está estruturado, por isso, quando as crianças têm contato com um professor de Filosofia, o modo como irá direcionar o processo de ensino e aprendizagem contribuirá efetivamente para seu desenvolvimento integral.

A reformulação do currículo de fato se mostrou uma necessidade no Brasil, entretanto, acreditamos que ao invés de atacar e excluir a Filosofia ela deveria ser inserida na matriz desde os anos iniciais, fomentando a formação docente, a transformação nas aulas mediadas, nas relações dialógicas e investigativas que poderiam ser iniciadas precocemente, retirando os alunos da passividade e tornando-os ativos na construção do seu próprio conhecimento.

É preciso pensar na qualidade da educação, nos seres humanos que deverão ser formados, mas sem que para isso hajam retrocessos. Tais informações deixam evidente o quanto os ataques à Filosofia não têm fundamentos e constituem um retrocesso na educação brasileira. De forma clara, ficam evidentes a existência de inúmeros desafios em relação ao futuro do ensino de Filosofia, aos caminhos escolhidos para ampliar a “qualidade da educação”, e ao modo como o processo de ensino e aprendizagem é orientado nos anos iniciais do ensino fundamental.

Os argumentos anteriormente expostos, deixam evidente as inúmeras contribuições da Filosofia, os papéis que podem ser assumidos pelos docentes, como a formação crítica e realmente emancipadora dos educandos poderia ocorrer caso seu ensino fosse efetivamente implantado em todas as instituições de ensino, travando um embate direto a atual situação instaurada em nosso país e as orientações da BNCC.

Existem múltiplas formas de repensar a educação, o ser humano que deve ser formado, os conhecimentos que compõem a matriz curricular e a sua própria organização, entretanto, retirar os avanços conquistados, nunca será uma boa opção. Quando observamos o cenário atual, é possível evidenciar que o futuro do ensino de Filosofia é cada vez mais incerto, mesmo diante de suas inúmeras contribuições para a formação de seres humanos mais éticos, críticos e conscientes de seu papel como cidadãos.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Giovanni Reale. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- CERLETTI, Alejandro A. **Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **La (Des)Educación**. Barcelona: Crítica, 2001.
- COSTA FILHO, Maurício Sérgio Borba. **Entre o cão e o lobo: a metáfora animal na gestão do desejo em a república**. *Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, v. 11, n. 28, p. 218-228, 2019.
- CULLEN, Carlos A. et al. **Filosofia para/com niños y niñas**. Coordenação Laura Pitluk. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2019.
- CULLEN, Carlos. **Crítica de las razones de educar**. México DF: Paidós, 1997.
- DINIS, Carlos. **O que é a filosofia para crianças: programa de Matthew Lipman**. Porto Alegre: Artes médicas, 2002.
- FAVARETTO, Celso Fernando. **O papel estratégico da Filosofia na educação básica**. *Revista Dialogia*. São Paulo: Universidade Nove de Julho (UNINOVE), 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Luiz. **A reforma empresarial da educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- IGALLINA, Simone. **O ensino de filosofia e a criação de conceitos**. *Cadernos Cedex*, v. 24, p. 359-371, 2004.
- KOHAN, Walter Omar. **Visões de filosofia: infância**. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 17, p. 216-226, 2015.
- HEUSER, Ester Maria Dreher; DIAS, Adriana Muniz. **Raspas e restos de filosofia na BNCC-EM: trampolim para uma ética como experimentação**. *Revista Teias*, v. 21, n. 63, p. 123-134, 2020.
- KRONBAUER, Luiz Gilberto. **Filosofia na Educação básica, Professores (as) de Filosofia e sua formação**. Thaumazein: *Revista Online de Filosofia*, v. 5, n. 9, p. 04-17, 2012.
- LIMA, Denise Maria Domingues de. **Filosofia para crianças: uma abordagem crítica dentro da filosofia da educação**. 2004. Tese de Doutorado.
- LIMA, Gabriela Ribeiro. **Filosofia com crianças no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)—Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2018.

LYOTARD, Jean-François. "The AffectPhrase." Trans. Keith Crome. In: CROME, Keith; WILLIAMS, James (eds.) **The Lyotard reader and guide**. Edimburgo: Edinburgh UP, 2006. Apud KOHAN, Walter Omar. *Visões de filosofia: infância*. Alea: Estudos Neolatinos, v. 17, p. 216-226, 2015.

MURCHO, Desidério. **A natureza da Filosofia e seu ensino**. Educação e Filosofia, v. 22, n. 44, p. 79-99, 2008.

MORIYÓN, Félix Garcia. **A infância, um território fronteiriço**. Em W. O. Kohan (Org.). *Devir Criança da filosofia: infância da educação* (pp. 141-151). Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NUSSBAUM, Martha. **Educação para o lucro, Educação para a Liberdade**. Revista redescritões- Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norteamericana. Ano 1, número 1. ANPOF. 2009.

NUSSBAUM, Martha. **La educación em humanidades**. *Analecta política*, 6(10), 167-178.2015. Colômbia, 2015.

PEREIRA, Diego Bertoldo; DE PAIVA, Wilson Alves. Lipman e a filosofia para crianças: cultivo "do" pensamento ou cultivo de "um" pensamento? **Childhood & Philosophy**, v. 16, 2020.

SCHLESENER, Anita Helena. **Ensinar Filosofia ou instigar a pensar? O desafio kantiano na realidade do Ensino Médio**. Revista do NESEF, v. 3, n. 3, 2017.

SILVA, Douglas Roberto da et al. **BNCC e fundamentos teóricos da filosofia no Ensino Médio**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

SOARES, Paulo Sérgio Gomes; PIMENTA, Alessandro Rodrigues, et al. ôas, João Paulo Simões Vilas (org.). **Pesquisas em ensino de filosofia: experiências no PROFESSOR/FILO**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.

SILVEIRA, Renê José. **O programa de filosofia para crianças de Matthew Lipman: uma concepção liberal da educação**. *Childhood & Philosophy*, vol. 7, núm. 13, enero-junio, 2011, pp. 121-139.